

Luis Maffei

Universidade Federal
Fluminense – UFF/
Universidade Federal do Rio
de Janeiro - UFRJ
Email: luismaffei@id.uff.br



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

As emoções têm história

Emotions have a history

Las emociones tienen una historia

Maffei, L. As emoções têm história. Revista Eco-Pós, v. 25, n.2,
p.379-387. <https://doi.org/10.29146/ecops.v25i2.27939>

Dossiê **O Choque dos Acontecimentos: Retórica e Política das Comoções Públicas**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 25, n. 2, 2022

DOI: 10.29146/ecops.v25i2.27939

RESUMO

Resenha do primeiro volume do livro *História das emoções: da Antiguidade às Luzes*, sob a direção de Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine, Georges Vigarello (Petrópolis/ RJ: Vozes, 2020). O volume, primeiro da série de três, reúne textos de vários pesquisadores, majoritariamente, mas não apenas, da França, e abrange a investigação das emoções enquanto afetos e paixões ao longo de vários séculos da cultura ocidental, propondo leituras localizadas cronologicamente, mas que apresentam vários pontos de contato.

PALAVRAS-CHAVE: *Emoções; História do Ocidente; Antiguidade; Idade Média; Modernidade.*

ABSTRACT

Review of *História das emoções, volume 1 – da Antiguidade às Luzes*, directed by Alain Corbin; Jean-Jacques Courtine; Georges Vigarello (Petrópolis/ RJ: Vozes, 2020). This collective book, first volume of three, brings together texts by many researchers, mostly, but not only, from France, and covers the investigation of emotion – and, therefore, affections and passions – over several centuries of Western culture, proposing readings located chronologically but which a lot of points of contact.

KEYWORDS: *Emotions; Western History; Antiquity; Middle Ages; Modernity.*

RESUMEN

Reseña de *História das emoções, volume 1 – da Antiguidade às Luzes*, bajo la dirección de Alain Corbin; Jean-Jacques Courtine; Georges Vigarello (Petrópolis/ RJ: Vozes, 2020). El libro colectivo, primer volumen de tres, reúne textos de varios investigadores, muchos de Francia, pero no sólo de aquel país. El conjunto cubre el estudio de las emociones – y también de los afectos y las pasiones – durante muchos siglos de la cultura occidental, proponiendo lecturas localizadas cronológicamente, pero que presentan muchos puntos de contacto.

PALABRAS CLAVE: *Emociones; Historia del Occidente; Antigüedad; Edad Media; Modernidad.*

Submetido em 19 de Agosto de 2022

Aceito em 30 de Setembro de 2022

Introdução

O livro “História das emoções” é mais um projeto pretensioso, no melhor sentido, do trio Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello, que já organizou as coletâneas “História do corpo” e a “História da virilidade”. São diversas vozes da historiografia que dão corpo ao livro, e cada uma investiga o problema geral que cada volume se propõe dentro do específico recorte de tempo – um período, um século etc. – sobre o qual se especializou. Isso cria dois cenários de farto interesse em cada volume: primeiro, várias épocas são observadas, com lupa, por olhos que as conhecem bastante bem; segundo, e em relação com o primeiro, a história é contemplada, obviamente, por miradas várias e diversas. Tem lugar, portanto, um concerto de vozes, compositoras de um fluxo narrativo e interpretativo que não se afasta, ainda bem, do risco de certa anfractuosidade, de alguma contradição, e que, não obstante a sinuosidade resultante da proposta (e muito por causa dela), consegue enfrentar seu problema de maneira prismática – sem perder uma perspectiva diacrônica inevitável no discurso historiográfico.

A sinuosidade do conjunto acaba por recuperar a própria sinuosidade das emoções ao longo da história do Ocidente. O volume 1 da “História das emoções”, dirigido por Vigarello, vai da Antiguidade às Luzes. Tudo começa, portanto, na Grécia, objeto do primeiro ensaio, escrito por Maurice Sartre. Nesse universo cheio da pluralidade de termos para se referir às emoções, por exemplo, coléricos são os homens, pois a cólera feminina está a meio passo da loucura – é por isso que os homens podem chorar em público, enquanto as mulheres, só em casa. Entre os gregos, enfim, há o receio do perigo causados pelas paixões vindas de fora (e o termo *páthos* é aí central), especialmente a paixão amorosa, próxima demais, outra vez, da loucura.

N’ “O universo romano”, investigado por Anne Vial-Logeay, o poder gosta de se fazer acompanhar da filosofia, haja vista a relação entre imperadores e seus preceptores. Estoicos, como Sêneca, preceptor de Nero, eram dados à *apatheia*, objetivo da ordem do “cuidado de si” (expressão foucaultiana, como se sabe), alcançável quando o intelecto logra domar as emoções. No que toca à religião, a comoção tampouco está no centro do proscênio, posto que o ato religioso é mais uma prática a ser executada perfeitamente que um sentimento, o que guarda um bocado do temor grego das divindades – também no amor, o furor, por ser um perigo, deve ser tratado

Dossiê **O Choque dos Acontecimentos: Retórica e Política das Comoções Públicas**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 25, n. 2, 2022

DOI: 10.29146/ecops.v25i2.27939

com o máximo cuidado. A importância romana do autodomínio chega ao amanhecer da Idade Média, no período entre os séculos IV e VI, como se lê no texto de Bruno Dumézil – aliás, um dos méritos do conjunto é entender a Idade Média não apenas como um período de enorme interesse, em nada sombrio, mas também como um depositário de valores e noções da Antiguidade Clássica e, ao mesmo tempo, fecundador da mentalidade clássica. Se o domínio de si caracteriza a ação correta, quem não o faz, pensam os romanos, são os bárbaros, que, assim, não tem plenamente reconhecida sua humanidade. Isso se deve a razões credoras do ambientalismo grego, que explica as ações dos coletivos humanos em virtude de seu entorno geográfico. O sítio privilegiado da emoção nesse período tem a ver com o deslocamento para o âmbito cristão da oratória antiga, que valoriza o prazer e a empatia.

Na Alta Idade Média, problema de Barbara Rosenwein, a emoção se situa entre a permanência da postura estoica e a brutal influência de Agostinho, que não menoscaba as emoções à partida, mas entende que seu valor é definido pelo que a pessoa humana faz delas. Agostinho propôs um diapasão que determinou, no pensamento, por exemplo, de Gregório de Tours e de Fortunato, o entendimento das emoções a partir do vício ou da virtude. Ainda na Idade Média, Vigarello e Claude Thomasset se dedicam ao preciso termo “emoção”, que não existia como tal. A ideia que gerará o vocábulo “emoção” tem a ver com o verbo francês *esmouvoir*, ou seja, mover – que, a partir do século XIII, passa a orientar expressões como “*esmouvoir o coração*”, isto é, mover-se *com*, comover-se. É nesse momento que começa a preponderar uma noção física, mais que metafísica, no que toca às emoções. Uma suave alteração se verifica a partir do século XV: a referência se desloca do órgão e do próprio objeto que provoca a emoção para a expectativa de quem a experimenta, isto é, o espectador é transferido para o meio da cena, como que preparando parte do terreno para o antropocentrismo renascentista.

A colaboração de Piroska Nagy avança, por um lado, na investigação da emoção como vocábulo, logo, como noção. A transição entre o ensaio de Thomasset e Vigarello e o de Nagy (uma das colaborações, a propósito, vindas de fora da França e da Europa, o que dá frescor à relação entre as ideias neste livro coletivo) é um dos momentos em que o volume 1 desta *História das emoções* mostra-se mais, digamos, dialético: o tema é continuado mas deslocado, revelando a nada traumática anfractuosidade acima indicada. Nagy desvela o quanto o termo emoção é

moderno, pois, na Idade Média, fala-se primeiro de *affectus*, e, depois, de “paixão”, o que procura dar conta das paixões humanas e da Paixão de origem cristã. Piroška Nagy ressalta a importância da tensão, nos séculos finais da Idade Média, entre a perspectiva da igreja, teocrática, e outra, laica, baseada na honra.

Claude Thomasset, em seu texto, também se debruça sobre um vocábulo importante para a Idade Média: “*tressuer*”, que indica estar-se exposto a uma significativa transpiração. Já sentir emoção é expresso pelo verbo “*esmaier*”, que significa, literalmente, privar da força. Essa altura da Idade Média, o século XII, também redimensiona a ideia de amor a distância, que não deixa de se ligar à paixão que a Igreja de Roma nutria por uma desejada Jerusalém, acossada e disputada pelas Cruzadas. Não deixa de reaparecer uma noção romana sobre o amor, que associa o amante ao soldado – e o guerreiro medieval é aquele que precisa atingir um ideal de perfeição a todo custo (não se perca de vista que a outra face da honra, abordada no ensaio de Nagy, é a vergonha). A Idade Média traz o ambientalismo grego para o corpo humano: a fisiognomonia entende que o interior da pessoa é visível por seu exterior, o que trai a crescente medicalização no trato com as emoções, ainda que as “anomalias” reveladas pelos traços fisionômicos pudessem ser corrigidas pedagogicamente.

Também notando clara associação medieval entre as paixões e a Paixão, Damien Boquet enxerga nessa conexão o motor para o cristianismo medieval ser fortemente baseado na comoção. Uma das evidências dessa imbricação é a fraternidade entre o amor cortês e o amor claustral: a própria humanidade de Jesus faz com que a carne possa redimir, ou, em palavra-chave para pensadores como Ricardo de São Vítor e Bernardo de Claraval, “ordenar”. É nesse momento que começa o processo de se entender a emoção como um dos componentes da pessoa humana, que não apenas experimenta as emoções, mas é uma criatura emotiva. Da emoção à compaixão: é esse cenário que permite a grandiosa relevância que passa a ter uma figura como Francisco de Assis, assim como a crescente feminização do cristianismo, muito anterior à nefanda caça às bruxas de alguns séculos depois. Tocar os leigos e trazê-los para seu seio passa a ser um objetivo da Igreja, que, assim, intensifica o culto das emoções, especialmente o medo e, como escreveu Piroška Nagy, a vergonha – e mais a vergonha que o medo. Não estranha a eclosão da prática do autoçoite, maneira de tornar pessoal, na própria carne, os flagelos naturais.

Dossiê **O Choque dos Acontecimentos: Retórica e Política das Comoções Públicas**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 25, n. 2, 2022

DOI: 10.29146/ecops.v25i2.27939

Didier Lett, investigando as emoções dentro de contextos familiares, salienta os perigos do amor e a prevalência da temperança, alto valor no contexto medieval. Como também entendeu Nagy, a pedagogia precisa das emoções para adquirir eficácia, ou seja, transformar-se em cultura. Esse é o ponto do conjunto em que a Idade Média começa a sair de cena, restando apenas um ensaio, que já enxerga o ocaso medieval, acerca dessa época tão preciosa. O texto que nos despede do Medievo é de autoria de Laurent Smagghe, e se dedica às emoções políticas no XIV e no XV. É desse fim de Idade Média, já com aroma de princípio de Modernidade, a figura do príncipe e o vigor que ele precisa emanar para causar, no povo, amor e medo. É muito curioso observar uma conexão entre o ocaso da Idade Média e a Antiguidade grega, pois, como diz Smagghe, o príncipe deve, como ato político, chorar, e, como já o afirmou Maurice Sartre no seu ensaio, chorar em público cabe aos homens, os agentes da política grega.

Chegada a Idade Moderna, pode-se dizer que a afetividade se interioriza. Georges Vigarello empenha-se em refletir acerca do próprio termo “emoção”, emergência do século XVI, sinal de que o velho *affectus* torna-se mais e mais complexo. Lawrence Kritzman, por sua vez, ao pensar a obra de Montaigne, começa por perceber a posição cada vez mais central do indivíduo, o que tem clara relação com o antropocentrismo renascentista. Montaigne já declara renunciar a uma escrita lecional, entendendo que o ser humano é dotado de flagrante imprevisibilidade, e isso já rascunha uma relação menos solene com o texto, que será progressiva através dos tempos. O autor do ensaio seguinte é mais uma vez Vigarello, que dialoga com Marsilio Ficino a respeito da crescente importância da referência material no território do arrebatamento amoroso: as paixões tornam-se objetos de caráter praticamente físico, e combinam-se cada vez mais, alterando umas às outras, influenciando-se mutuamente. Aprofunda-se também a investigação psicológica, permitindo, especialmente a partir do XVIII, à eletricidade tornar-se metáfora operativa para o entendimento das paixões.

O século XVII é quando, de acordo com o ensaio de Alain Montandon, pensamentos como o de Descartes contribuem para uma notável prática de autorrestrrição do indivíduo, o que culmina na eleição do ridículo como pena social reguladora dos comportamentos. Sophie Houdard, por sua vez, ensina-nos sobre a necessidade do autoaniquilamento como um caminho para Deus, especialmente no mesmo XVII, na experiência dos místicos cristãos: é necessário um

vazio humano para que o desejo de Deus se realize. Ao longo desse século, contudo, desenvolve-se certa suspeição acerca da experiência mística, que começará a ser vista como manifestação patológica. Concretizando uma sintaxe entre a mística e a política, o artigo seguinte, de Christian Jouhaud, ao acompanhar alguns relatos acerca de eventos político-emotivos da segunda metade do XVII, indica o quanto as emoções públicas geram o risco de esvaziamento do Estado – isso toca o ensaio seguinte, de Hervé Drévilion, que nota o quanto a intensificação da “honra”, que vai do pessoal ao político, hipertrofia situações até a fatalidade, sendo a vingança exemplo disso.

Um dos textos mais instigantes da recolha trata da amizade e do amor na época moderna. Maurice Daumas nos conta que a amizade, no século XVI, é uma paixão, e atende a códigos do discurso do que se poderá chamar, posteriormente, de amor romântico. É também uma prática política, pois se baseia na liberdade e na igualdade, e, por isso, não extrapola nem os estratos sociais nem o sexo. O que faz a amizade ser de interesse público é, não obstante a semelhança de sua descrição relativamente ao amor-paixão, sua independência do que faz mal na experiência passional entre sexos. Isso se liga ao que o autor entende como um traço misógino da Renascença, que inclusive castiga com cada vez mais dureza crimes considerados femininos, como a feitiçaria e o infanticídio. Em virtude do dogma da inferioridade natural das mulheres, a amizade é um assunto de homens, e é apenas no século XVII que a Igreja começa a entender o afeto como componente bem-vindo nas relações matrimoniais – é também o XVII que começa a abrir mais espaço, em algumas de suas zonas (mas poucas, obviamente), para valores associados ao feminino, infundindo na linguagem amorosa, por exemplo, a noção de “ternura”. Diz Daumas que a amizade progressivamente se feminiza, e chega, enfim, a absorver relações entre pessoas de sexos diferentes.

Outro texto de alta espessura é o de Yves Hersant, sobre a melancolia. Recuando até muito antes da época moderna, Hersant traça uma genealogia da “bílis negra”, uma das condições humanas que a cultura enxergou de maneira mais complexa. O século XVI foi a idade de ouro da valorização do melancólico como ser de exceção, ainda que com o risco da medievalmente tão temida acédia e, sobretudo, malgrado o medo do Demônio, vindo do limar da modernidade. O ensaio faz reaparecer a figura central de Marsilio Ficino no retorno renascentista de Platão, numa época em que o entusiasmo das descobertas e do aumento de mundo europeu conviviam

Dossiê **O Choque dos Acontecimentos: Retórica e Política das Comoções Públicas**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 25, n. 2, 2022

DOI: 10.29146/ecops.v25i2.27939

com o pânico das epidemias e das guerras. Vem também do Medievo, e cresce com Ficino, a associação entre as características humanas e os planetas – o melancólico é associado a Saturno, logo, a um peso tremendo, mas, por outro lado, ao atingimento de zonas importantes do espírito. Contudo, o século de ouro da melancolia também é o século da Reforma, que vincula de maneira nada dialética essa condição a Satã, o que ensejará que se venha a vincular também à bruxaria. No XVII, a melancolia passa a exercer influência sobre numerosas coletividades, passando, como outras emoções, a caracterizar povos inteiros.

O derradeiro ensaio de Georges Vigarello presente na coletânea medita sobre a violência, inclusive, e especialmente, a perpetrada contra as mulheres. Uma das manifestações disso no XVIII é a crença, em muitos escritos, de que a mulher, malgrado sua força física inferior, tinha perfeitas condições de se defender de ataques sexuais, o que se encontra, evidentemente, ao fundo da cultura do estupro que teima em não desaparecer de nossa contemporaneidade – ao lado, claro, da teimosa e nefanda demonização da sexualidade feminina, irresistível, diabólica e, por isso, disponível. O texto seguinte, de Christian Biet, sobre a tragédia e as emoções no teatro francês do século XVII, tem o condão de situar quem lê dentro de uma sala de teatro seiscentista, ruidosa e ciosa da distribuição da audiência, e é surpreendente perceber o quanto a vivência de se assistir a um drama, contemporaneamente, é distinta da que vigia há alguns séculos. Do teatro à música: Gilles Cantagrel investiga a emoção no período barroco. É apenas nesse ensaio, dedicado a uma linguagem artística, que o vocábulo “barroco” aparece no conjunto – o que indica que os estudos ligados à estética se sentem mais à vontade em relação a essa noção que os historiográficos, o que não é necessariamente espantoso. É nessa época que a música, que é, *per sí*, uma arte do movimento afetivo, adquirindo o estatuto de discurso e bebendo significativamente na fonte de oratória clássica, o que impulsiona, por sua vez, a produção operística. A teatralidade ritualística do barroco tem uma ligação muito forte com a Igreja Católica, o que ajuda também a estetizar a prática eclesiástica em nome de maior apelo emocional.

Martial Guéridon responde por texto dedicado à maneira como o período clássico desenvolveu uma teoria das artes. De modo consonante ao que ocorria com a música, a pintura também trazia para si princípios da eloquência. A pintura passa a associar as emoções a gestos

Dossiê **O Choque dos Acontecimentos: Retórica e Política das Comoções Públicas**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 25, n. 2, 2022

DOI: 10.29146/ecops.v25i2.27939

corporais, o que leva um autor como Le Brun, por exemplo, a valorizar sobremaneira a representação das sobrancelhas – isso não deixa de ser herança da fisiognomia medieval, agora relida e deslocada. O artigo final, de Colin Jones, dedica-se às várias significações do sorriso, cuja relevância como prática social remonta ao século XIII. A Renascença, que sempre associou o sorrir ao rir, começou a entender o riso como traço definidor do humano. Contudo, a nobreza do século XVII entende o riso como uma prática degradada, que passa a ser associada às classes populares, e pensadores como Hobbes e Descartes ligam-no à raiva e ao escárnio. Foi somente com as Luzes que o XVIII dignificou o sorriso, que se transformou num gesto que acompanha o movimento da razão.

Este volume 1 da coletânea “História das emoções” é um elogiável material de reflexão, estudo e consulta sobre um longo período, decisivo, da história do Ocidente, que vai dos gregos ao século XVIII. Algumas das bases mais sólidas da nossa cultura se encontram nesses muitos séculos, que ecoam em nossos ouvidos e mentes, de maneira mais ou menos visível e audível, até a contemporaneidade. A iniciativa da editora Vozes, portanto, é mais que oportuna e digna de aplauso. A tradução, de que ficou encarregado Francisco Morás, é bastante satisfatória, ainda que merecesse uma revisão mais atenta, e esse é um dos poucos senões da edição – além dele, a versão brasileira manteve indicações de imagens que não foram reproduzidas.

Luis Maffei – Universidade Federal Fluminense - UFF

Doutorando no Programa de Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da UFRJ, na linha de pesquisa Mídia e Mediações Socio-Culturais. Desenvolve projeto intitulado *De controle e despresença: smartphones, corpos dobrados, fim dos tempos*, sob orientação de Janice Caiafa.

Email: luismaffei@id.uff.br